



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

PATRÍCIA REGINA GUSMÃO (3)

(depoimento)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Patrícia Regina Gusmão

Entrevistadora: Mariana Cristina Borges Novais

Local da entrevista: Santos Dumont, Minas Gerais

Data da entrevista: 16/02/2017

Processamento da Entrevista: Mariana Cristina Borges Novais

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Páginas Digitadas: 11 páginas

Número da entrevista: E-835

Data da autorização para publicação no Repositório: 30/04/2019

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Mariana Cristina Borges Novais intitulada **À beira do gramado ou fora do jogo?: As treinadoras do futebol de mulheres no Brasil** apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em junho de 2018.

<p>O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.</p>

Santos Dumont, 16 de fevereiro de 2017. Entrevista com Patrícia Regina Gusmão a cargo da entrevistadora Mariana Novais para a dissertação de mestrado.

P.G. – “Meu nome é Patrícia Gusmão, tenho trinta e oito anos. Brasileira, Hamburguesa. Solteira e não tenho filhos. Sou graduada em Educação Física. Atuo como Treinadora de futebol há quatro anos e como professora de futebol em escolinhas de futebol feminino e masculino há dez anos”.

M.N. – Então, gostaria que você começasse me contando, por favor, como era a sua relação com o esporte desde a sua infância.

P.G. – Bom, no início da minha infância eu sempre tive uma vida muito ativa. Com... Principalmente na Educação Física que foi onde eu tive minha primeira iniciação esportiva e foi ali que também eu comecei a jogar futebol e a me inserir nesse mundo do futebol.

M.N. – Entendi. E nesse processo, quem te incentivou? Quem foi referência para você?

P.G. – Assim, eu sempre tive um apoio da minha família, que eu tenho um irmão mais velho que sempre foi jogador de futebol. Agora ele até atua como treinador também em uma equipe profissional masculina e por ter essa ligação da família, meu pai já foi dirigente de clube daqui da cidade, então a minha família sempre esteve muito envolvida com o futebol e eu desde pequena cresci nesse mundo aí. Eu acho que foi muito o que me levou também a seguir esse caminho.

M.N. – Legal. E isso continuou durante a sua juventude?

P.G. – Sim, continuou. Eu tive muitos apoiadores, assim, tanto família, quanto professores na escola e aí quando eu tive a minha primeira oportunidade de seguir então... Porque eu sempre joguei muito com meninos, aí quando surgiu a possibilidade de um clube, como o Inter e o Grêmio que são clubes tradicionais aqui do Rio Grande do Sul,

abrirem o departamento de futebol feminino, eu fui para Porto Alegre e fiz então o primeiro teste na escolinha lá do Inter e depois permaneci por oito anos jogando lá profissionalmente.

M.N. – E por quem você foi treinada?

P.G. – Eu sempre fui treinada por homens, sempre tive treinadores homens. Nunca tive a oportunidade de trabalhar com uma mulher, mas sempre foram pessoas que eu consegui, assim, aproveitar o máximo do que... Do conhecimento. Claro que a gente tem também no futebol feminino muitas pessoas que... Ou porque já jogaram, que se tornam treinadores ou porque gostam da modalidade mas que nem sempre estão tão preparados para exercer essa função, esse cargo. Então eu tive alguns treinadores muito bons mas também tive alguns que não me acrescentaram muita coisa não.

M.N. – Entendi. E as pessoas em geral, como elas viam a sua participação no futebol?

P.G. – Olha, as pessoas que eu conhecia sempre me incentivaram muito, até porque sabiam da qualidade que eu tinha. Então eu nunca tive muito problema quanto a isso. Por já estar envolvida no meio do futebol e estar sempre brincando com a bola, eu sempre até recebia muitos elogios e incentivos, procurar... “Ah, por que você não procura um clube?”, “Vai jogar porque tu tem condições, tu tem potencial.” Então, assim, das pessoas que me conheciam mesmo sempre eu tive bastante incentivo.

M.N. – Sim. E você se lembra se houve alguma situação de preconceito que você tenha passado por estar no futebol?

P.G. – Assim, a gente sempre passa por diversas situações. Claro que eu já tive muitas situações de preconceito, até por viver no mundo do futebol que é relativamente masculino. O pessoal sempre associou o futebol a homem e nunca a mulher. Principalmente aqui no Brasil. E aqui no Rio Grande do Sul então, tu pode ver que a coisa assim, multiplica porque é um estado assim, bem tradicionalista onde tem o pessoal gaúcho e eles tem uma certa resistência quanto ao futebol. Até porque se tu for ver no

futebol feminino é a primeira vez que o Rio Grande do Sul vai ter um representante no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino. As coisas aqui estavam meio paradas e esse, então, aí com a parceria com o Grêmio a gente conseguiu efetivar a parceria com o Departamento e ter essa oportunidade. Sim... Eu já tive muito preconceito, principalmente jogando. Quando eu jogava e, por exemplo, tu ia em um estádio, tu ia em uma partida e sempre tu ouvia algumas coisas, algumas palavras: “Ah, vai lavar roupa ao invés de estar jogando futebol!”, “Ah, futebol é coisa para homem!”, esse tipo de coisa para pior. A gente ouve bastante coisa assim.

M.N. – Entendi. E como começou a sua carreira como treinadora?

P.G. – Assim, há quatro anos atrás eu fiz a minha cirurgia no joelho e eu não consegui me recuperar muito bem. Eu tive alguns problemas e eu tive que fazer uma segunda cirurgia e aí eu vi então que a possibilidade de jogar ia ser muito difícil. Por quê? Porque o futebol feminino vem em uma evolução muito grande, tanto na parte técnica e tática como na parte física também. Assim como no masculino. A gente vê aí hoje o futebol muito... A parte física tem que ter uma ênfase maior. Como eu tentei, depois de fazer minha segunda cirurgia, voltar a jogar e vi que não ia ser possível por causa dessa parte aí... A parte física mesmo que as meninas estavam muito acima, num nível muito acima, muito bom fisicamente eu vi... Olha, melhor eu parar por aqui até para eu não me machucar mais e aí então eu resolvi para esse outro lado porque quando a gente está há muito tempo em um meio esportivo, no futebol ou eu acho que em qualquer outra modalidade, essa parte quando chega no final da carreira tu tenta procurar alguma coisa que vá te inserir ali ainda para tu não ter aquele choque tão grande. Eu sou profissional de Educação Física, então, eu já fui para esse lado pensando nisso de que algum dia eu poderia trabalhar na área. E aí então eu segui para essa área que é ser treinadora.

M.N. – E assim como você teve pessoas que te incentivaram a ser jogadora, você teve alguém como referência para ser treinadora também?

P.G. – Assim. Como eu te falei, eu tenho um irmão que é treinador de futebol masculino, e sempre que eu joguei futebol também eu sempre tive muito... Muitos treinadores que

me incentivaram e que me falaram: “Oh...”. De repente pelas minhas características dentro de campo porque eu sempre fui uma jogadora que gostei muito dessa parte. Da parte técnica, tática, eu sempre procurava orientar a equipe, sempre gostava de me aprofundar nessa área, então eu desde cedo assim, eu sempre pegava alguns treinadores que eram mais inteligente e que tinham uma bagagem maior, eles me falavam: “Oh, tu tem potencial aí para ser treinadora.” “O dia que tu acabar aí a tua carreira como atleta, de repente tu pode seguir por esse lado, porque eu vejo que tu é muito inteligente”. E esse tipo de elogios assim que a gente ouve e que a gente escuta que incentivaram a seguir aí nessa nova carreira.

M.N. – E como foi o seu processo de inserção? A sua primeira contratação, seu primeiro clube, conta um pouquinho por onde você já passou, por favor.

P.G. – Como eu te falei, minha carreira é recente, são quatro anos aí de trabalho. A minha primeira equipe foi a equipe de Cachoeirinha aqui do Rio Grande do Sul. Eu tive o convite do presidente do clube. O clube era um clube que só tinha departamento amador. Eles jogam... O masculino joga o campeonato amador aqui no Rio Grande do Sul e ele queria fazer um trabalho diferente, queria poder fazer um trabalho com o futebol feminino também. Aí surgiu a possibilidade de a gente jogar uma Copa RS, ele fez o convite para mim, eu montei a equipe, a gente jogou, fomos campeãs e ganhamos a vaga para disputar o Campeonato Gaúcho. Daí iniciou as atividades no meio de 2014, a gente continuou com a equipe, só que aqui no Rio Grande do Sul a gente está um pouquinho atrás porque as equipes elas não são profissionais, elas não conseguem manter um elenco, dar uma ajuda de custo, pagar passagem, treinar todo dia. As meninas ainda trabalham, dependem de disponibilidade de tempo, muitas vezes o período de treinamento tem que ser à noite por ter isso... Pelas meninas trabalharem durante o dia e aí então, com muito esforço e sacrifício, a gente conseguiu montar a equipe, reforçar mais do que aquela primeira competição e nesse primeiro ano aí eu me sagrei campeã gaúcha como treinadora, meu primeiro título que foi em 2014. Em 2015 eu fui convidada por uma equipe de uma cidade vizinha a participar do campeonato também. Consegui manter algumas pessoas no elenco e outras atletas vieram novas, a gente conseguiu o bicampeonato aí também, e esse ano eu estava dirigindo o mesmo time do Canoas quando eu recebi o convite do pessoal da

Associação Gaúcha de Futebol Feminino para a gente fazer um novo projeto com escolinhas de fazer uma seleção aqui do estado do Rio Grande do Sul para a gente poder representar nosso estado nas competições a nível nacional já que aqui a gente tem um pouco de dificuldade quanto a treinamentos, a estrutura mesmo de atleta, para conseguir as atletas... E eu tive que deixar a minha equipe então. Em setembro eu deixei a equipe e em dezembro elas foram campeãs novamente, daí. Com outra treinadora no meu lugar, mas eu posso dizer que assim, boa parte do trabalho eu que construí, então são três anos aí praticamente campeã gaúcha como treinadora. Eu tive também duas passagens na Copa do Brasil, até tu pode ver que as passagens pela Copa do Brasil são assim: o campeonato é meio regionalizado e as equipes aqui do Rio Grande do Sul elas sempre pegam grandes equipes no primeiro enfrentamento. A gente nunca consegue pegar uma equipe mais fraca, então a gente entra no campeonato, em 2014 a gente pegou a atual campeã da Copa do Brasil, Araraquara, a Ferroviária de Araraquara ali de São Paulo que era uma equipe que tinha ganho tudo naquele ano. Então conseguimos levar o jogo já para São Paulo, aqui foi três a dois para elas e lá foi dois a zero, foi até um resultado até... Assim, dentro do comparativo entre as equipes, até muito bom para a gente, e em 2015 a gente foi disputar esse ano... O ano passado contra o [trecho inaudível]. A segunda participação na Copa do Brasil foi contra a Chapecoense aqui em Santa Catarina, uma equipe também nova mas que já tinha uma estrutura toda de um clube masculino por trás. Nosso primeiro jogo aqui foi três a três, daí na volta lá nós perdemos de quatro a três e fomos eliminadas também.

M.N. – E você considera ter tido algum tipo de dificuldade nesse início de carreira?

P.G. – Olha, até como treinadora assim eu não tive muita dificuldade não. An... Não sei se por causa da... Do nível técnico... Do nível que se encontra o futebol aqui no Rio Grande do Sul ainda, eu posso te dizer que eu tive bastante apoio e ainda até um incentivo bem grande, tanto de dirigentes, como de presidentes de clubes. Eu tenho tido um respaldo bem legal quanto a isso.

M.N. – Legal. Então até hoje, em todos os clubes que você atuou, você já chegou como treinadora, certo?

P.G. – Sim. Até ia te comentar assim, como treinadora em 2014... Por exemplo, posso citar assim, como treinadora mas fazendo outras funções também porque a dificuldade era grande, então eu fazia a parte física, fazia a parte técnica, entendeu. Ainda dava uma ajuda para alguma outra coisa, era mais ou menos assim que funcionava. Em 2015 já melhorou, tive uma comissão técnica um pouquinho maior, com preparador de goleiros, com auxiliar técnico, preparador físico, então foi um pouco melhor a estrutura de trabalho. Em 2016 foi a mesma coisa. Continuou nesse mesmo nível.

M.N. – Entendi. E como é esse processo de formação de uma comissão técnica? Você como treinadora tem autonomia para convidar? Como acontece?

P.G. – Sempre nas equipes que eu trabalhei até hoje, sim. Eu sempre tive autonomia para escolher pessoas que pudessem ser do... Que eu conhecesse ou que eu já tivesse algum contato. Isso aí facilita muito, quando tu consegue... *Tu* criar tua... Convidar as pessoas para trabalharem contigo. Até porque tu pode colocar pessoas da tua confiança e isso aí se torna essencial para um trabalho ser bem sucedido.

M.N. – Legal. E a sua relação com as pessoas, em geral, lideradas por você, é uma bola relação? Inclusive com as atletas?

P.G. – Isso aí eu sempre consegui ter uma boa relação tanto com as pessoas fora de campo, como eu te falei, dirigentes, presidentes, pessoal da comissão técnica. Sempre tive um bom entendimento, nunca tive nenhum problema. E com as atletas a mesma coisa. Até as atletas eu posso ter mais... Assim, eu oriento mais quem eu posso trazer, quem eu não posso. Eu falo para as pessoas quem a gente... Eu posso inserir dentro desse trabalho, que vai me dar um respaldo legal, quem tem atitudes legais, compatíveis com aquilo que a gente pensa. Então com a parte mais de atletas eu consigo ainda me sobressair e trazer quem eu quero. Até esse novo trabalho aqui, que a gente está fazendo esse ano, eu não conhecia ninguém da minha comissão técnica. Eu fui convidada como treinadora e eu não tive como escolher ninguém. Todas as pessoas, os profissionais que estão trabalhando comigo foram... Foi um pessoal que a Diretoria que escolheu e formou a comissão. Mas que também eu estou me dando muito bem, são profissionais que assim, não tenho o que

dizer. Sempre trabalharam com futebol masculino. Trabalharam em grandes equipes, pessoas muito experientes e que eu estou me dando muito bem também.

M.N. – Excelente. E o que você considera fundamental para o sucesso da sua carreira?

P.G. – Ah, eu acredito que a primeira coisa é tu estar bem preparada. Eu, em 2008, antes até de encerrar minha carreira como atleta, eu fiz o curso profissional de treinadores aqui do estado do Rio Grande do Sul. Então eu me preparei, é um curso de mais de cinquenta e duas horas e hoje eu posso dizer que eu sou uma treinadora profissional, eu tenho a minha carteirinha, eu me preparei para isso. Fiz vários outros cursos porque eu acho... Eu acredito assim, que o profissional ele tem que estar sempre atualizado, principalmente... Não só no futebol, mas eu acho que em toda área. Hoje em dia se tu deixar de estudar, se tu deixar de aprender coisas, de ter conhecimento, eu acho que tu fica meio para trás porque o mundo está em uma evolução muito grande. Até hoje em dia com a internet tu consegue coisas assim, muito rápido e em pouco tempo.

M.N. – E você considera importante a rede de contatos nesse meio também?

P.G. – Sim, sem dúvida. Eu acho que as portas se abrem, muitas vezes, por tu ter alguma pessoa conhecida que possa estar te inserindo em algum lugar ou outro. Eu acho que é muito importante sim. Mas eu acho que o que te mantém no trabalho sempre é aquilo que tu fez ou aquilo que tu está fazendo. Se segue a linha de se ter um trabalho bom ou não.

M.N. – Legal. E sobre a profissão treinadora, eu queria que você falasse um pouco como ela está estruturada, em termos de condições de trabalho e também salariais.

P.G. – Assim, o que eu posso te dizer em termos de estrutura, eu posso dizer que aqui no Rio Grande do Sul as coisas estão evoluindo muito rapidamente. De três anos que eu venho trabalhando aí deu um salto bem grande até pelo futebol feminino estar indo em uma crescente. Tu vê aqui que a CONMEBOL a pouco tempo atrás aí divulgou que em 2019 os clubes que disputarem a Libertadores terão que ter feminino. A CBF já veio agora aí com... Também falou que todos os clubes que disputarem as séries A e B do

campeonato terão que ter os seus departamentos femininos. Então acho que isso daí começa a dar uma estruturação melhor para todo mundo que está trabalhando com essa área. Eu acho que teve um salto bem grande aí. Quanto a salários, o que eu posso te dizer assim... O futebol masculino, pegando como exemplo, se tu for ver, noventa por cento não recebe tão bem. A gente acha que por ver o pessoal da elite do futebol, está sempre na televisão, jogadores e treinadores ganhando milhões, mas a gente... Eu sei que a realidade não é bem assim. A gente generaliza e acha que todo mundo do futebol masculino ganha bem e não é muito assim na prática. Eu, por ter um irmão que sempre trabalhou em clubes menores e sempre foi jogador em clubes menores, eu sempre tive bem próxima a mim essa realidade. Então eu posso te dizer que a nível de salário, eu acredito que, claro, precise melhorar um pouco sim, mas que eu não vejo tanta diferença quanto... Em equipes amadoras ou que não sejam tradicionais aí do futebol.

M.N. – E você colocou também como ocupação profissional que é professora de futebol. Você trabalha em outro local agora sem ser o clube que está defendendo?

P.G. – Assim, até eu dou aula em uma escolinha de futebol tanto para meninas quanto para meninos. Eu já trabalho há mais ou menos dez anos nessa área e no momento a minha escolinha está de férias. Período de férias, deve estar voltando agora. Com esse novo trabalho aí eu vou tentar um tempo maior para conseguir conciliar as duas coisas porque eu sei que agora, esse início aí de campeonato e essa oportunidade que eu estou tendo, eu sei que é uma responsabilidade muito grande até porque o Grêmio Futebol Porto Alegre é uma equipe tradicional aqui de Porto Alegre e fez uma parceria com a Associação Gaúcha e com a Federação Gaúcha de Futebol, então eles estão cedendo a marca deles, entendeu, dando toda uma estrutura e eu acho que a gente precisa focar cem por cento no trabalho para conseguir dar uma resposta boa para eles e a altura do clube que é o Grêmio. Mas, sim, eu pretendo continuar com as minhas escolinhas. Até não sei nesse início como vai ser mas sempre foi uma coisa que eu gostei muito de trabalhar com crianças. E melhor ainda se puder ensinar um pouco daquilo que tu sabe, que é no caso o futebol.

M.N. – Sim, então você acha necessário ter essa outra ocupação exclusivamente por gostar de exercer essa função ou porque é uma necessidade financeira na realidade das treinadoras, ter outro trabalho com o qual contar?

P.G. – Eu acho que ainda nesse início dessa carreira de treinadora, eu acho que ainda precisa sim de um complemento na renda, mas eu acredito que em pouco tempo as coisas possam estar mudando. Mas eu também por eu gostar de trabalhar com crianças, me deixa meio assim, porque agora se tu for ver, esse novo passo que a gente está dando aqui, com essa nova estrutura que eu estou tendo de trabalho, com essa parceria com um clube tradicional do futebol masculino, eu poderia sim ter deixado de lado a minha escolinha e me dedicar só a isso. Só que também por gostar de trabalhar eu vou tentar conciliar as duas coisas e não deixar de lado a minha escolinha nesse momento.

M.N. – Legal. E com essas duas ocupações, como se dá a conciliação entre a vida profissional e a vida pessoal?

P.G. – Essa vida no meio esportivo sempre foi muito corrida. Eu morei nove anos fora aqui da minha cidade, então, de ano em ano você está em um lugar e complica um pouco sim. Posso dizer que não é fácil conciliar, mas que hoje em dia já está mais tranquilo, até porque é o quarto ano que eu estou aqui no Rio Grande do Sul e meio que me estabilizei aqui e é mais fácil de tocar isso sim.

M.N. – Bacana. E agora, como você enxerga as possibilidades de ascensão para as treinadoras no Brasil?

P.G. – Como eu falei antes, o futebol feminino vai ter um salto muito grande agora com essa obrigatoriedade que a CBF, a CONMEBOL... E eu acho que isso aí vai dar um grande passo no futebol feminino para também incentivar novos profissionais, tanto atletas quanto profissionais. Vai ter muito... Vai ter muita área... Muito campo de trabalho para o pessoal que estiver realmente preparado. Eu acredito que venha um mercado aí bem diferente e que as pessoas vão poder estar atuando. Se forem capacitadas com certeza terão um enorme campo de trabalho aí pela frente.

M.N. – E as suas expectativas futuras de ascensão?

P.G. – Assim, até nas perguntas tem se eu tenho vontade de treinar uma equipe masculina, no momento eu posso dizer que *hoje* eu quero ajudar o futebol feminino, eu vejo que muitas mulheres podem estar atuando no meio do futebol feminino, com esse salto da modalidade vai abrir muitas portas para os profissionais e eu gostaria muito de trabalhar nessa área mesmo com o futebol feminino. Mas a gente nunca descarta, daqui uns anos quem sabe, vinte, trinta, sei lá... Eu possa estar trabalhando aí em uma equipe masculina. Não vou te dizer que não. Isso aí tudo depende da evolução, da minha evolução também como treinadora. Quem sabe aí também, não pode descartar.

M.N. – Legal. E nesse processo todo, até hoje, você já pensou em desistir dessa carreira?

P.G. – Ah, às vezes, quando a gente tem bastante dificuldade de conseguir as coisas, patrocínios... Que quem sempre esteve no meio do futebol feminino, a gente sempre jogou muito mais assim, por amor à modalidade. Até porque muitas vezes a estrutura não era muito adequada. A gente tem que se submeter a algumas coisas, morar com muitas meninas em um local, tipo num alojamento. Não te digo passar fome mas algumas coisas que dificultaram bastante e em alguns momentos pensei sim em desistir tanto da carreira de atleta, *mas* da carreira de treinadora ainda não tive esse... Essa... Esse contato de me deparar com situações tão ruins que me fizeram pensar em desistir.

M.N. – Então, a gente chegou ao fim das perguntas estruturadas. Eu queria saber se você deseja comentar, fazer alguma colocação sobre todos esses temas que a gente comentou e que eu não tenha te perguntado.

P.G. – Olha, eu acredito que a entrevista foi bem válida, ela abordou vários campos, várias... Eu acredito que foi dentro do que eu esperava mesmo de perguntas. Não teria nada a acrescentar não, acho que foi bem completa, bem objetiva e bem legal.

M.N. – Está bom então. A gente vai continuar se falando novamente, porque eu vou fazer a transcrição da entrevista, terá a devolutiva a você para que você analise, de repente inclua algo que se lembrar e vamos trocando informações sobre o estudo, está bom?

P.G. – Está bom. O que puder contar comigo, com certeza vou estar à disposição e tentar encaixar em algum tempinho. Eu agradeço pela oportunidade e pelo teu trabalho porque eu acho muito importante poder fazer isso aí e conhecer as pessoas mesmo, as mulheres que atuam nessa área e é muito legal.

[FINAL DA ENTREVISTA]